

MINHA VIDA COM TÊ
Estudos Genealógicos

Lia Rezende Domingues

MINHA VIDA COM TÊ
Estudos Genealógicos

São Paulo, 2020

la petite ferme

EDIÇÃO
Maria Bitarello

CONSULTORIA EDITORIAL
Ulisses Belleigoli

REVISÃO
Paula Martins Costa

PROJETO GRÁFICO, CAPA E FOTOS
Lia Rezende Domingues

D671m

Domingues, Lia Rezende, 1993 –

Minha vida com Tê: estudos genealógicos /
Lia Rezende Domingues. – São Paulo : La Petite
Ferme, 2020.
120p.

ISBN: 978-65-993092-0-5

1. Literatura brasileira. II. Título

CDD – B869

CDU – 821.134.3(81).7

la petite ferme

liardomingues@gmail.com
mariabitarello.com/la-petite-ferme



*Para as Mulheres Que Vieram Antes De Mim:
Beatriz e Adriana, Therezinha,
Violeta, Clotilde, Luísa e Miquelina.*

Era uma vez duas mulheres que habitam
corpos separados pelo Tempo e unidos pelo
Sangue. Por seis meses e dois dias pandêmicos,
morei com Minha Avó. É com ela que eu me
desfaço nessas palavras.

SUMÁRIO

Prefácio	13
O Princípio	17
A Avó De Minha Avó	21
Meu Avô foi Antônio	27
O Dia Do Útero	33
Fertilidade Destemida	39
Sonhar é subverter	45
O Vermelho, os Ritos e a Tripla Celebração	51
Eu sou a Horta	57
Um Encontro Com Elefantes	63
No Arraste Das Sombras	69
Dia 102	75
Dez Dias De Descanso	81
O Malabarista e o Poder Do Treinamento	87
Os Caminhos Da Chegada	93
Rótulos Partidos	99
Respirar Sem Máscaras	105
A Caça Dos Prazeres ou A Morte Inevitável De Tudo	111
O Castelo Que Me Pariu	117
Agradecimentos	123

PREFÁCIO

Querida Lia,

Te escrevo envolvido pelo Húmus da tua escrita. Por cada Silêncio que escapa na precisão de cada Palavra. Por cada Imagem-Espelho de Luzes e Sombras. Por cada Planta, Estrada, Chegada. Por cada Horta aberta aos pés da tua Abuela e, ao te ler, enxugá-los, é como se estivesse te vendo na casa de Senhora Jaguar a banhar Homem De Bem com o cuidado de quem compõe uma sinfonia das sensações que te acontecem. Juiz de Fora se transmuta em Canudos, porque o Sertão é dentro da gente, está em toda parte e, além de tudo, é do tamanho do mundo, como nos ensina o mestre Guima. E você nos ensina, em teu Corpo De Mulher, que a Poesia é a Íntima Ciência da Palavra/Experiência.

Te escrevo aprendiz dessa escuta, desafiado a construir malabares e subversões. As mulheres da minha família transbordam nestas linhas, pedem passagem, com vozes fortes e corajosas. Realidades adormecidas me mobilizam ao requisitar Dons que Habitam em Mim. Fazem desse véu azul que me encobre um céu de possibilidades impermanentes, como as nuvens que se espalham insurgentes. E como se espalham nesta tarde!

Te escrevo ao lado de um maracujá morto, de um mamoeiro e de uma plantação de tomates, no quintal da casa de meus pais. Por aqui cheguei no dia 5 de abril. Cinco dias depois, você chegava à casa de Tê. Será por isso que tuas agora recordações reverberam tão fundo em minha natureza interna, viva e pulsante? Fazem lembrar que recordar é palavra latina derivada de *re-cordis*: tornar a passar pelo coração. A recordação é a lembrança

do coração e, a nossa vida, um movimento do coração.

Te escrevo *con-cordis*, no último dia que me destes para enviar um possível prefácio. Eu, que te conheci andarilha nos Sertões da Bahia e de Minas, me sinto honrado ao prefaciá-la tua nova Peregrinação: te ver desbravar interiores orientada pelo coração, nos deslocamentos espaçotemporais que te conduzem à Tê e nos conduzem até você: Lia Rezende Domingues. Que Lê nas Memórias Familiares dos Troncos Genealógicos os Caminhos de Chegada da História Presente, de Sangue, de Tempo, de Sonhos, de Gentes.

Do Teu Amigo Das Palavras,

Luis Osete

Cardeal da Silva/BA
9 de novembro de 2020



Tê e eu, depois da aula de fisioterapia das manhãs de quarta

O PRINCÍPIO

19 de abril é “Dia do Índio” e Aniversário de Minha Avó Paterna: Therezinha de Jesus Ribeiro Hargreaves Domingues completa hoje 91 anos solares. Nós a chamamos carinhosamente de Tê. Há nove dias que moramos juntas, eu e ela. Mudei-me do Apartamento De Minha Mãe para uma Casa Grande que agora abriga só nós duas.

.

As jornadas me relembram do que temos em comum. Gostamos de ouvir música instrumental enquanto preparamos o café da manhã. Apreciamos comer devagar e fazer uma coisa de cada vez. Conversamos e fazemos silêncio. Ela me conta muitas histórias e eu anoto as mais importantes. Estudo minha Ancestralidade Branca e descubro o Meu Feminino Mais Antigo. É bonito e desafiador.

.

O dia de aniversário foi ocupado! Tê recebeu ligações e mensagens desde a hora em que acordamos para assistir à Missa De Aparecida às oito horas da manhã. Chegaram pratos de todos os filhos e ceiamos frango com cenoura, angu, panquecas de ricota, quiche vegano e vinho chileno às três horas da tarde. Sopramos velas duas vezes porque Tê recebeu dois bolos de parabéns.

.

Eu agradeço quando me deito e a vejo dormir ao meu lado, tão linda. No ano passado, eu repousei muitas noites admirando outra senhora, uma sertaneja que me encantou e recebeu. Agora, teço ligações entre elas. Sinto uma preciosidade profunda nas Saborias Que Essas Mulheres Me Confiam. O Tempo é mesmo belo quando se concentra, assim, nas Mentes, nos Corpos e nas Palavras.

Juiz de Fora, 19 de abril de 2020



Eu me reflito com Vó Tide no Espelho

A AVÓ DE MINHA AVÓ

Eu venho dessa linhagem de Mulheres Viúvas Que Viveram O Luto. Comigo, no espelho, está a Avó De Minha Avó: Clotilde Peixoto Hargreaves. Aprendi a chamá-la de Vó Tide. Exponho parte do que sei sobre ela.

Clotilde se casou com um engenheiro de estradas que conheceu no hotel onde trabalhava com um maço de chaves cintilando na cintura. Este engenheiro era Henrique

Olivella Hargreaves, descendente de uma família inglesa que se mudou para o Brasil em 1856.

O hotel onde Vó Tide se apaixonou pertencia ao pai dela, Seu Peixoto, um homem branco nascido em 1832 (!). Tê me mostra um xerox dizendo que Peixoto foi prefeito de Caeté, em Minas Gerais, por quatro vezes seguidas e que fundou a Mineração do Tinguá. Este mesmo xerox nos conta, ainda, que Seu Peixoto “se vestia com capricho, quase sempre de preto, sapatos polidos, porte ereto mesmo na velhice”.

Descubro que é graças à Vó Tide que nos criamos em Juiz de Fora. Ela veio para cá com o futuro finado marido, Henrique, que engenhava trilhos de trem na região. Ele morreu de repente numa viagem a trabalho ao Rio de

Janeiro. Vó Tide não pôde ir ao velório porque não tinha dinheiro. Pergunto-me: “O quanto será que isso lhe doeu?”

Quando Henrique a deixou, Vó Tide contava com sete filhos pequenos. Ela, que me parece ter crescido em “boa vida”, mudou de hábitos. Fez faxina em grupo escolar, colocou as crianças para vender docinhos nas ruas, engomou colarinhos dos padres da Igreja da Glória. Dizia que os padres a ajudaram muito.

Clotilde não era de intimidades, mas era devotíssima e usaria preto pelo resto da vida — exceto nos raros momentos em que raptava uma camiseta branca da filha Violeta. Tê me fala dos muitos anos de infância em que teve de trançar os cabelos todos os dias para pagar alguma promessa desconhecida da avó.

Em constelações futuras, Violeta e Tê também ficariam viúvas inesperadamente jovens. Seguiriam a vida zelando por filhos e netos, sem outros romances.

Para investigar Minha Tataravó, eu peço à Tê que me conte sobre ela. Afino minha escuta e penso em como as Dores e os Dons desta Mulher chegam até mim. Venho comendo muitas sementes e é como se algo me crescesse por dentro.

Juiz de Fora, 26 de abril de 2020



Antônio e eu na cadeira de balanço

MEU AVÔ FOI ANTÔNIO

“Seu avô era um homem que sabia das coisas. Se não estava no trabalho, estava lendo um livro na cadeira de balanço que dei a ele”. Tê é quem me conta assim.

·

Eu me sento na mesma cadeira que balança para fazer nossa foto.

·

Eu nunca conheci o Vô em carne. Costuro, pois, estes contos que pego emprestado

com quem o frequentou. Os retalhos que Tê me oferece são os meus prediletos porque são os mais bonitos. Ela me revela lembranças das Mãos Do Vô. Descreve as mãos fortes e carinhosas do amigo e amante que por trinta anos lhe entregou felicidade. Antônio Domingues da Silva Filho foi o grande e único Amor Da Vida De Minha Avó.

Meu Avô foi um homem branco que se fez funcionário público e passou a vender apostilas na aposentadoria. Ele se chamava Antônio e era filho mais novo de outro Antônio, um operário que perdeu o braço direito numa extinta fábrica de tecidos de Juiz de Fora. A Mãe Do Vô era Antônia também, e isso é tudo que sei sobre ela.

Em 1957, Vô e Tê comemoram o primeiro ano de casados dentro do navio que

os leva à Europa. Fazem uma viagem de dois meses cujas histórias abasteceram minhas fantasias de menina-viajante. Eu pedia à Tê que me falasse dos países por onde andaram e ia contando-os com ajuda dos meus dedos.

Vô partiu de repente por causa de uma obstrução da artéria basilar, fundamental pra chegada do sangue no cérebro. Era 1986. Eu nasci sete anos depois, enraizada nesta família de muita energia mental. Somos leitores dedicados, capazes de citar intelectuais nas refeições. Pergunto-me como essas informações se relacionam.

Dizem que eu conversava com o Vô quando criança. E ainda o faço. Eu tenho mesmo este hábito de prostrar com o Invisível e de chamar pelos Antepassados. No final de 2018, eu estive confusa e curiosa.

Eu pedi ajuda ao Vô naquela época. E não achei coincidência quando cheguei na terra de outro Antônio, o Conselheiro, para receber alguns ensinamentos.

•

O meu Recolhimento tem sido revisar o lugar de onde venho para encontrar o lugar de onde falo. No Sertão, eu me experimentei em algumas famílias. Fui muitas lias, pois me conheciam sem referência de minha história e lugar. Eu guardava tudo na Mochila.

•

É como se agora eu me apurasse.

Juiz de Fora, 03 de maio de 2020



*Faço defumadores naturais de Alecrim
e Capim Santo sob o Sol Do Terreiro*

O DIA DO ÚTERO

O Dia Das Mães podia ser o Dia Do Útero. É no Calor Uterino, escuro e pulsante, que Corpos Humanos se criam. Por motivo que desconheço, tive pressa em sair do Útero De Minha Mãe. Foi preciso que ela ficasse meses na cama até que eu vingasse.

Foi no Útero De Minha Mãe que ganhei Meus Cachinhos. Mãezinha gosta de contar dos pedidos ao Divino pra que eu viesse

encaracolada. Ela tricou-me um tapete com um urso empinando pipa enquanto firmava este desejo.

Eu farejo Minhas Raízes. Investigo os Domingues porque moro com a Mãe De Meu Pai. Mas a Minha Mãe não é Domingues. Minha Mãe é Rezende: minha outra família, de gente pouca e unida.

Eu e Meu Útero conversamos pela primeira vez em 2018. Andávamos por esta Mata ao lado de outras Mulheres. Abríamos caminho para o Olho d'Água. E eu nos imaginava andando dentro de mim. Dentro de Meu Útero. Nós, pequeninas, e a abóboda do Céu demarcando os contornos de meu órgão criador. Praticávamos a Consciência Uterina.

Certo dia, uma sertaneja me conta da “Dona Do Corpo”. Ela passa as mãos sobre o ventre ao confiar-me a expressão. “Minha Dona Do Corpo tá voltando pro lugar”, diz, do alto do monte onde o Sol se põe. A moça vivia um remanejo interior depois de dar à luz.

Expor esta foto me lembra da objetificação dos corpos. Viajar sozinha ampliou minha compreensão do que Meu Corpo branco, de mulher, jovem e magro pode significar. Entendo que o boicote à Sexualidade Saudável sustenta as estruturas machistas e racistas nas quais me nasci e criei.

Aos 17 anos, as veias de meu cérebro se entupiam e ameaçavam estourar. Os médicos culpavam os anticoncepcionais. Hoje, eu entendo que não era só a pílula: era também

Meu Corpo me ordenando que parasse. Mas eu desentendo o porquê da Fertilidade ser uma questão tão feminina se nós, mulheres, somos férteis apenas por parte de nosso ciclo. Homens são férteis todos os dias.

No Sertão Da Caatinga, eu escrevia pra não me perder. Meus últimos registros diziam que me desviciasse dos elogios. É o que faço. Queimo a necessidade de aprovação para partilhar Minhas Criações. É Meu Útero quem vos escreve. E me sinto mesmo assim, de corpo nu, quando permito que me leiam.

Juiz de Fora, 10 de maio de 2020



Eu e Meu Oráculo oferecido por Minha Sangue De Mulher

FERTILIDADE DESTEMIDA

Aqui estamos Eu, Minha Vergonha e Minha Sangue De Mulher.

Eu me montei um quarto na casa de Tê. E o desfrutava numa noite de sexta, permitindo-me o privilégio de ler à meia-luz para celebrar as tarefas cumpridas. É quando escuto passinhos curtos no corredor. É Tê. Ela bate em minha porta e diz: “Você não é triste, mas está triste. Trouxe pra você”.

E me entrega um cartão de São Miguel, o Archanjo que me orienta. Eu vinha mesmo procurando por Ele.

No quarto, Tê diz que tenho os mesmos “olhos tristes” de Tia Mi. Esta expressão é um dos significados do meu nome Lia. Tê concorda com ela.

Tia Mi era a irmã mais velha de Meu Bisavô, João Gabriel Ribeiro, o pai que Tê perdeu aos três anos de idade. João Gabriel se casou com Minha Bisa Violeta, uma viúva que manteve o hábito de visitar a família dele nos Cerrados De Curvelo. Por ser a filha mais velha, Tia Mi não pode se casar, tampouco realizar o sonho de ser freira. Ela cumpriu as ordens de cuidar da casa da mãe, Onorina Gabriela.

Escuto que Tia Mi ficou cega e por muito tempo não falou disso a ninguém. Descobriram que ela não enxergava mais quando a pediram que assinasse um papel. Ela não conseguia escrever. Tia Mi foi uma mulher doce, instruída a não verbalizar suas queixas. Por isso, diz Tê, “Tia Mi era uma santa”.

Eu refleti quando ouvi essa história. E concluí que não contar da própria cegueira não era coisa de santa. Era coisa de quem aprendeu a não merecer cuidado em situação tão difícil e fragilizante. Estou recolhida com Meus Femininos. Olho para o padrão dos bons costumes em Minha Linhagem.

Não é que eu estivesse triste este dia no quarto, mas acessava um medo sombrio pelo meu Corpo De Mulher. Sentia-o vulnerável. Pensava nas patologias horrendas e violentas que o ameaçam.

Para transmutar este medo, eu resgato a Consciência De Meu Corpo. Corro com lobas que farejam seus ciclos e tocam seu sangue. Peço licença à Minha Mãe Médica para avançar em minha autoridade própria e retirar o DIU que há seis anos ela me recomendou que usasse. Permito que Meu Útero retome ao seu estado natural. Eu me abro à Fertilidade por entender que preciso Dela para parir meus Sonhos e Dons. Quero ser fértil para libertar o Meu Poder.

Juiz de Fora, 29 de maio de 2020



*No fundo da foto de Minha Criança
está Minha Primeira Barraca*

SONHAR É SUBVERTER

Lia é uma mulher branca que olha para a Criança, a Pele, o Tempo e os Sonhos.

Palpito que afiar a Imaginação é subversivo e revolucionário.

Nas manhãs de quinta, eu lavo os cabelos de Tê. Preparávamo-nos para este rito quando começo a rir sozinha. Tê contava alguma história que deixo escapar por mergulhar

em devaneios. Ela pergunta: “Que foi?”. Eu digo que sonho acordada. Oriento-me pelo Coração e percebo a Leveza Alegre Das Imaginações.

Pergunto à Tê sobre os sonhos dela. E ela me conta dos sonhos que cumpriu. Quando criança, sonhou em ser professora. Depois, sonhou em trabalhar num lugar com muita gente. Daí, sonhou em fazer Direito. E, então, sonhou em ter filhos.

Os Efeitos Do Tempo Na Gente são conversa de café da manhã. Tê diz ter sido mais alegre quando moça e sentir saudades da Escola. Comenta que “muita gente ficou pra trás”. Eu a questiono sobre a Sabedoria Que O Tempo Dá. Ela me responde com uma pergunta: “Você me acha sábia?”.

Eu não tenho saudades da Escola. Por 11 anos, colonizei-me com padres jesuítas num espaço pouco diverso e pouco acessível. Hoje, eu vejo que cumpri violências para me sentir pertencida àquela ordem. Desconstruir crenças desta passagem ainda me custa Esforço e Coragem.

.

Uma nova personagem se apresenta: Dindinha, “uma mulher feita para servir”. Ela é Edith, irmã de Minha Bisa Violeta, e soube muito bem seguir as ordens do marido. Dindinha não escolheu suas roupas nem seus horários. Todos os dias, serviu o almoço às onze horas da manhã e a laranjada às duas da tarde. Na mesa, ela se sentava de lado para manter a prontidão: Tio Oscar poderia precisar de algo.

.

Quando falo ao Divino, digo-Lhe que quero servi-Lo. Mas não quero servir como Dindinha. Quero servir com Sonhos que regeneram as Teias Da Terra. Imagino-os.

Eu sonho que me confiam um pedaço da Mãe. Zelo por uma parte da Terra que batizo de “Bello Monte De Etel”. Sonho também com o Caminho que me leva até Ela: torno a desbravar interiores e inicio-me nas profundezas da Natureza Viva. Escuto tantas histórias que me transformo em uma: escrevo este belo livro sobre Andanças, Encontros e Ensinos. Costuro Palavras e recebo riquezas por isso. Sou abundante, consciente e fluida como a própria Vida.

Juiz de Fora, 14 de junho de 2020



*Eu e Minha Rainha desfrutamos
do Terreiro na Manhã De Sol*

O VERMELHO, OS RITOS E A TRIPLA CELEBRAÇÃO

Estou com Tê há 72 dias e acordamos com vontade de vestir vermelho.

Vejo Tê se sentar ao Sol enquanto eu cuido da Horta. Crio matéria seca para compostarmos as cascas, os bagaços e as sementes que surgem com o preparo das refeições. Penso na reverberação deste ato em Meu Corpo: pareço cuidar de meus resíduos internos também.

Nossa rotina vive em rituais. Alguns são diários: enxugar os pés de Tê depois do banho, agradecer ao Divino antes do almoço e vestir nela os pijamas para vê-la dormir. Sempre temos algo diferente para agradecer.

Ontem, eu agradei à Ansiedade. Há três dias que essa Majestade do Reino Dos Sentimentos me prestava visita. Ela chega e me aponta: “Fia, repare nessa sua vontade guardada”. Há algo disponível e estagnado que desalinha Meu Fluxo. Reorganizo-me, então, para lubrificar-me. Restauro a leveza eficaz dos sistemas naturais.

21 de junho é uma data tripla para os Domingues. Em 2020, este dia marca os 139 anos de encarnação da alma que chamaram Clotilde, Minha Tataravó. Também relem-

bramos o aniversário de morte do pequeno John, o irmão mais novo de Tê. O Corpo De John viveu por apenas 10 dias na Terra. Era 1933. Exatos 80 anos depois, no 21 de junho de 2013, anuncia-se a chegada do primeiro bisneto de Tê: celebra-se hoje os 7 anos de Max.

Um outro rito que adoro são os Dias De Soneca. Nos Dias De Soneca, não temos compromissos pela manhã e podemos nos curtir abraçadas na cama. Funciona assim: quando eu acordo, pulo para a cama de Tê. Ela já despertou e eu a abraço. Ficamos solentas juntas. Eu encosto a bochecha nas costas dela e damo-nos as mãos. Nestes momentos, resgatamos o valor do Toque. Reflito que o Corpo De Minha Avó já cruzou muitos tempos sem estes carinhos táteis.

“Sonhei a noite toda com Vovó”, diz Tê ao acordar. Ela me conta que bateu pernas na rua em busca de um presente de aniversário para Vó Tide. Comprou uma embalagem amarela, mas não achou o que botar dentro dela: “Vovó já tem tudo”.

Guardamo-nos neste Castelo que emana Paz, Amor, Cuidado, Saúde e Trabalho. Iniciamo-nos juntas, como se nos preparássemos para o Futuro.

Tê é uma Rainha a quem quero servir.

Juiz de Fora, 21 de junho de 2020



*Eu, o Mamão, as Mandiocas, a Romã
e as Samambaias do Terreiro*

EU SOU A HORTA

Todos os dias, eu rego meus laços com as Plantas Do Castelo. O Alecrim, o Manjeriçã, o Capim Santo, as Rosas, as Orquídeas e a Romã me são companhias íntimas. Ouço o Reino Vegetal.

“Cada um gosta de uma coisa” é um dos Ensinos Que Tê Me Dá. “Você gosta das coisas da Terra e da Escrita. Eu gosto de ler e arrumar gavetas”, diz ela. Medito sobre o Dom

ao incorporar esta lição.

A primeira pessoa a me contar do Dom foi Seu Alcides. Estamos no Sertão Da Caatinga, onde eu registro a comunidade deste Ancião em troca das Cédulas Sagradas que sustentam meu semestre nordestino. Alcides caminha comigo pela Caatinga dizendo que “a Vida Da Gente na Terra é pra encontrar, apresentar e desenvolver o Dom Que Deus Nos Dá”.

Alcides entendeu que o Meu Dom era o Trabalho que sua terra me confiava: andar, observar e escrever. E eu entendi que devo deixar o Dom orientar minhas Escolhas Dos Caminhos.

Tê e eu cumprimos o Ritual Dos Cabe-
los quando eu lhe conto da Barriguda, da

Areia Branca e do Sertão De Corujas que visitei nos meus Sonhos Da Noite. Minha Vêia tem ciúmes do Sertão e se desgosta se me distraio pelos abertos de lá. “Você sabe que eu nasci no Sertão, né? Mamãe dizia que Curvelo era Sertão porque tem árvores tortas”, arrazoa Tê.

Tempos Coronários revelam-me que Depois não existe. É um lembrete que me conecta ao pulsar de Minha Vontade. Quero ir com a Mochila para o Sertão Da Caatinga quando a troca de cuidados com a Abuela se cumprir. Coletar Memórias, afiar-me na Terra e rever os Mestres são as Minhas Vontades. Entendo-me como uma Mulher que merece segui-las.

Há muito Trabalho em Minhas Palavras. Há Trabalho Interior de quem fareja

no Dentro e no Tempo. E há Trabalho Exterior de quem observa e absorve para empóçar-se em Sensibilidades. Partilho minhas Palavras porque confio que o Poder delas é maior que eu. As Palavras me curam com Abundância, Fertilidade e Sabedoria. Eu sou uma Peregrina de Palavras e Plantas, regida por Mercúrio, o mensageiro dos deuses.

Hoje eu acordei e o Mamão que posa comigo na foto estava no chão. Recebo a lição de sua morte: uma árvore sadia e alta, bonita e frutosa, tomba pelas raízes miúdas e frouxas. É. Eu tô mesmo trabalhando na Minha Raiz.

Juiz de Fora, 28 de junho de 2020



Agradeço aos Elefantes por se permitirem fotografar

UM ENCONTRO COM ELEFANTES

Fotografo-me na Mata Escura. Ali, eu me encontro com os Elefantes que circulam pelas Raízes Do Mamão Tombado.

Dessa vez, penso no Húmus. Descubro que “húmus é o que vem da Terra” e que “humano” e “humildade” são duas palavras-filhas dessa palavra-raiz terrosa. É uma reflexão que me captura porque pareço praticar a Humildade de olhar e acolher alguns Erros

Humanos. Isso me dói e me liberta.

O Silêncio é um padrão diluído em minha Sangue de Mulher Mineira. Elaboro que é o Silêncio que alimenta os Elefantes do Castelo onde me eclipse. Eu me aproximo deles na Noite De Lua Cheia. E vacilo quando nos vejo na lama. Então, eu uivo em nome do Sol.

Um Momento Sublime corta minha semana ao meio: sou uma das três mulheres, de três gerações diferentes, que respiram juntas o Cheiro Dos Elefantes. As Orquídeas nos escutam, a Intimidade nos acolhe e a Varanda nos observa. Falamos das coisas que o Silêncio reserva. É desconfortável porque é diferente e bonito porque é verdadeiro. Isso me faz muito bem.

Desfaço nós na cabeça de Tê sempre que lavo os cabelos dela. Os Ritos Das Águas me aproximam da Inspiração. Estar com a Abuela me desafia porque há momentos em que eu desejo nos salvar dos Elefantes. São delírios de salvadora. Agradeço à Consciência que me anuncia este perigo. Afasto-me dele. E cuido do que me cabe.

Eu e Minha Vassoura limpamos nosso Espaço Sagrado quando Meu Pai chega em visita. Ele me traz bananas-da-terra e comenta da morte misteriosa dos elefantes em Botsuana. É uma sintonia curiosa e que só eu percebo. Alguns Elefantes também morrem em mim. É Meu Verbo quem os mata.

Hoje, o Sol chegou antes que eu dormisse. Eu o esperava para olhar os Elefantes nos olhos. Estou a mirá-los quando lhes ofereço

minha mão. Digo ao Maior Elefante De Todos que estamos seguros e que posso amá-lo, assim, como ele é.

Os 86 dias com Tê me permitem exercitar um músculo que desconheço. Este músculo sustenta o campo de conversas que me cortam carapaças para me libertar. A sensação é de que estaremos sarados, o músculo e eu, quando o pandemônio passar.

Juiz de Fora, 5 de julho de 2020



*Há instantes do Arraste quando
Tê e eu nos desdamos as mãos...*

NO ARRASTE DAS SOMBRAS

Dia 93: Miro Sombras se arrastando pelo Chão.

Entrego-me ao Sol e ao Chão para descarregar-me na Terra e recompor-me no Astro. Observo Minhas Estratégias Mentais De Fuga.

8 de julho é aniversário do Casamento De Tê. Ela e meu finado Vô completam 64 anos

de compromisso. Vem dele parte da Força que cruzou o Útero De Minha Abuela. Essa combinação de seres anima uma porção de mim.

Hipotizo que Tê tem corações nas pernas. As Pernas De Tê sentem muito e respondem às datas especiais: aniversários de vida, de morte e de casamento as fazem bambas e teimosas. São dias em que Minha Vêia caminha lenta e recolhida.

A Lua Cheia invernou-me em Meu Limite. Meu Limite é o final do Meu Ser. É quando não pareço conseguir ir além, ser maior. Daí eu paro, tateio e gelatino-me como Sombra no Chão. Umedeço-o até que Meu Limite se amanse e dilate. Peço-nos expansão.

Uma das trilhas que me leva ao Meu Limite é o Desespero. Eis um visitante pregador de peças. O Desespero me tapa a visão e anuncia que tudo não vai passar. Eu acredito e me distraio. Eu e Meu Desânimo aguardamos até que a Respiração e o Tempo nos resgatem.

Na Noite 90, Tê e eu renovamos um acordo: agora, eu durmo no quarto que me montei. Eu vinha dormindo no quarto de Tê, mas Meu Limite disse assim: “Fia, arruma um Espaço teu”. O Tempo e o Espaço são deuses vivos que pedem adaptações.

A Conquista Do Espaço mexe comigo. Em 2019, eu vivi sem portas ou quartos porque fui recebida em lares desfamiliares. Corações gentis e abertos confiaram em mim e na Minha Mochila. Isso de ter a casa no corpo me é um Ensino Das Andanças.

Meu Corpo-Casa pode se exaurir dependendo dos encaixes que tem de criar. Mas morar com Tê não me cansa o Corpo-Casa. Cansa-me um outro corpo, que não sei qual é. Habito um Castelo que cuido como meu e isso me germina Prazer e Cansaço. Sou passarinha com sonhos de voar e montar ninhos. Aninhar-me aqui é uma Constelação De Serviços: cuido da Horta, da Abuela, da Cozinha, da Harmonia, dos Compromissos Que Topei.

Penso em cuidar de mim, também. Quatro Mulheres se revezam nesta Casa Grande quando eu e o Corona não estamos aqui. E eu realmente sinto Muitas Mulheres em mim.

Juiz de Fora, 12 de julho de 2020



Eu me vejo ao mirar a Imagem De Tê

DIA 102

Olho para o Espelho e vejo-me em Tê.

No mesmo dia em que planejo Meu Escape, enfim, eu danço. Remexo a Dureza acumulada pela Disciplina Dos Dias.

Há Rigidez em Meu Corpo. Essa percepção me conduz por curiosidades sobre outros corpos da família. Apuro que o Corpo Do Vô também era rígido. E sei que os 30 anos

de yoga permitem ao Corpo De Tê catar coisas do chão aos 91 sóis. Mas quando pergunto à Abuela se o corpo dela já rebolou, ganho um “não” como resposta.

Decido, então, rebolar. Rebolo como que para dizer aos Ancestrais que “não, seus traumas não vão me passar”. Rebolo Minha Mulher Serpente cujos Quadrís dissipam os Males Do Arredor. Rebolo com as três sombras que projeto na parede. Rebolo em cultivo à Romã e às Amarílis. Rebolo pro Terreiro, pra Música, pro Céu e pras vizinhas. Rebolo a Tê que existe em mim.

Vou respirar longe dos Domingues por 10 dias. Há esta maresia no Castelo que me faz inspirá-los a todo instante. É como um Big Brother Família que me conduz a um estado de amor irritadiço, sufocado. A Casa

Da Vó é como um Centro Matricial onde movimentos sutis fluem como ondas que crescem a caminho das bordas.

Sonho com animais: primeiro, estou no quintal do Castelo e vejo um cachorro cruzar as Grades Do Muro. Lá fora, este cachorro é perseguido por outro cão, grande e violento. Depois, estou numa beira-rio amazônica quando uma Mulher-Bióloga me revela o interior oco de uma Mãe-Bota. Ela abre a Mãe-Bota e tira seu filhote dali de dentro, rosa como ela, mostra-o para mim e torna a guardá-lo no oco-materno.

Meus Sonhos contam sobre o sair de casa. São 102 dias dentro de Tê. Ao me despedir, uma dupla de irmãos me presta visita: o Medo Da Saída e o Medo Da Mudança Das Coisas.

Meu Despertar De Mulher me aflora maternidades na breve folga da Abuela. Habitamos campos fundidos pela Intimidade. Eu sempre fui próxima de Tê, mas não imaginei vivê-la tão intensamente. Constato, mais uma vez, que a Vida não segue meus planos.

Juiz de Fora, 22 de julho de 2020



Na Mata, eu me encontro com Luzes e Sombras

DEZ DIAS DE DESCANSO

Quando entro na Mata para cumprir
Meu Encontro Nas Águas, encontro comigo
mesma sentada nas Pedras. Escuto o Tambor
Das Cachoeiras e o Canto Do Beija-Flor.

Descarrego oferendas de Meus Ancestrais
no Solo Sagrado do extinto Povo Araci.
Respiro com Andorinhas para que limpem
Meu Corpo. Devolvo Memórias à Terra.

Por 10 dias, faço morada na Serra Da Mantiqueira. Há muita Vida, mas poucos elementos humanos: estamos eu, o Guardião Deste Espaço e a Mulher Que O Ampara. Quando acordo, sozinha na toca, eu me abraço e me digo bom dia: saúdo o retorno dos Sonhos Da Noite. Aprecio este acordar folgado em tempos livres de cumprimento.

Contemplo a Fogueira Noturna e as Estrelas Do Céu. São semelhantes: Estrelas são fogueiras gigantes que queimam distantes. Digo à Mãe que sua Natureza anda linda por aqui. Eu tenho isso de usar a Voz pra prostrar com a Vida do arredor. Há quem julgue que converso sozinha: “Será?”.

Do alto do Morro Da Antena, eu ligo para a Senhora Jaguar do Sertão Da Caa-tinga. Habitua-mo-nos a contatos semanais

para imaginar reencontros no mundo livre da peste. Conto-lhe dos dias de descanso na roça. Ela pergunta se tenho namoradinhos por lá. Respondo que não. “Eu não entendo que uma moça tão nova e bonita namore tão pouco”, diz Jaguar. Então eu paro, reflito, concordo e justifico: “É... São os Caminhos que eu escolho, mulher”.

Desligar o celular me encontra com o Tédio, a Carência, o Medo Da Solidão No Escuro. Minha Mente sente falta das excitações. Proponho pensar sobre Caminhos e Felicidade: talvez a Vida possa fluir mais leve. Talvez a Felicidade seja um bioindicador da Certitude Dos Caminhos. Talvez feliz seja quem aprecie a Própria Presença com a tranquilidade de intuir sentido nas Tarefas Aceitas.

Há belezas, prazeres e descobertas no Descanso. Leituras De Poder me iluminam desordens internas. Experimento interromper a Resistência que ofereço aos Sentimentos Que Me Desafiam. Respiro para senti-los. Desperto-me na travessia da Noite Insonne. Há Taquicardia em meu Coração. E uma Coruja lá fora.

A Manhã De Sol me recebe com Gua-xos. Invoco-lhes Perguntas para investigar-me na Ciência De Tudo Que É. Eles dizem que sou uma experiência humana em Corpo De Mulher.

Juiz de Fora, 4 de agosto de 2020



*Desenho a Terra Das Andorinhas,
que me recebeu nos Dez Dias De Descanso*

O MALABARISTA E O PODER DO TREINAMENTO

Tornei a desenhar depois de (re)conhecer o Malabarista em Salvador.

Eu completaria 5 meses nos Sertões quando decido ir à Capital para respirar junto do Mar. Na primeira noite de Pelourinho, vejo, de longe, passar o moço que conheci brevemente pelo interior do Norte De Minas.

Este moço é o Malabarista que me ensina o Poder Do Treinamento. A todo instante, o Malabarista treina os Dons que o Divino lhe confiou. Ele canta, faz *beatbox* e macramê, toca violão, desenha, sonha e equilibra malabares no ar. Sempre que respira um tempo livre, o Malabarista pensa no que praticar aqui e agora. E, então, ele se põe a treinar.

Vejo que o Malabarista é um Moço Das Ruas. Ele anda com os malabares à vista para expressar o seu ofício. Seus malabares são talismãs que manifestam Proteção e Sustento. Um dia, na hora do almoço, o Malabarista pediu que eu o esperasse na esquina de seu espetáculo. Era o jeito dele de me mostrar Gentes e Economias De Semáforo.

Escutei a história do Malabarista que saiu da Casa Dos Pais aos 16 anos para acam-

par em uma praia do Chile com seu Primeiro Amor. Depois, acampou urbano e sozinho no Peru e na Bolívia. Aí, ele chegou ao Brasil. Passou mesmo estes meses no Norte De Minas, quando a gente se encontrou dentro de um povo guardião de pinturas antigas em pedras caboclas. Ali, eu o vejo encantar crianças com seus malabares fogosos.

Quando voltei para o Sertão Da Caatinga, agradei-me com duas nanquins, canetinhas de cor e um bloco de folhas amareladas e bonitas. O Malabarista me lembrava das coisas que a Vida me treinou. Minha Criança desenhava muito e Minha Mulher queria desenhar melhor. Pulsavam-me os meses recentes de acolhida no lar de um Grande Desenhista Sertanejo e vê-lo criar coisas tão lindas certamente inspiraram meus dedos e coração.

O Sonho Do Malabarista é montar seu show. Ele cuida de seu espetáculo na Imaginação e treina todos os dias para trazê-lo à Matéria. Reflito comigo sobre o meu próprio show para saber o que treinar entre as Minhas Inspirações.

Na foto, estou com um desenho ainda fresco, oferecido a quem me acolheu na Mantiqueira. Meus Desenhos gostam de ser entregues a alguém. São como mapa-retratos de mim pra você.

Juiz de Fora, 13 de agosto de 2020



*Eu desfruto da Rede com as Moscas e Borboletas
desenhadas por Minha Sangue De Mulher*

OS CAMINHOS DA CHEGADA

“Você descansou, mas também pensou muito nesses dias de roça... Tá assim porque não sabe o que fazer nesse Meio De Caminho”, diagnostica Tê. Minha Vêia tem bons olhos e coração. Ela sabe sentir o que eu sinto.

À noite, eu me deito no Chão Do Terreiro e observo a Lua no Céu. A Lua me é a Pupila Do Grande Olho Celestial. Eu cubro

o Chão com a Rede para me proteger do Frio — e impeço, portanto, que a Rede cumpra seu propósito fundamental: balançar. A Rede não balança no Chão. Isso me incomoda. Algo limita Minha Atenção à ausência de ganchos na parede. Até que eu entendo que só não temos ganchos porque eu me esqueço da capacidade de providenciá-los.

Descubro que as “borboletinhas brancas” que venho observando na Romã desequilibram a Saúde dela. É que não são Borboletas. São Moscas sugando sua Seiva. A Romã é a Rainha Do Terreiro e o ser-planta mais antigo daqui. O Castelo em que moramos era o lar da professora de ginásio de Tê em 1938. A Romã já existia naquele tempo espacial.

Eu me lembrei que Moscas não podiam

ser Borboletas porque Borboletas são Lagartas e Casulos antes do Vôo Da Beleza. Penso nisso pra dentro de mim: confundo Borboletas e Moscas Internas. A Romã e as Moscas me ensinam a localizar alguns parasitas que me sabotam. Eles se alimentam do Meu Desamor-Próprio.

Eu peço ajuda para pregar ganchos nas Colunas Do Terreiro. Agora, a Rede me balança. É Lua Nova e faço perguntas à Minha Sangue De Mulher. Minha Sangue é meu Oráculo. Ela desenha Minhas Moscas e Borboletas. Revela que Meus Sabotadores são pequenos e Meus Poderes são enormes.

Meu novo ritual predileto é cantar a Oração De São Francisco De Assis com Tê na Hora De Deitar. É uma reza que Minha Vêia me faz todos os dias há alguns anos.

Quando a gente termina de cantar, Tê sempre diz em voz alta: “Senhor, cuidai da Lia, protegei a Lia e orientai a Lia pra que ela siga o Caminho que for melhor pra ela”. Um dia, Tê completou: “São tantos caminhos que eu nem sei qual deles você vai escolher...”

Às vezes, eu tenho muita vontade de chegar e me esqueço que a Vida é só Caminho. A Chegada não existe. Chegar é toda hora; é o Aqui e o Agora.

Juiz de Fora, 24 de agosto de 2020



Eu, Tê e os Rótulos que a gente se dá

RÓTULOS PARTIDOS

Observo o gosto de Tê pela Leitura De Rótulos. É comum vê-la ler etiquetas e embalagens na Mesa Da Copa enquanto eu nos preparo o café da manhã. Reflito sobre a minha vontade de ter um Rótulo também.

“Você é escritora, desenhista, cuidadora de vós e de plantas. Você é artista!”, diz Tê. Adoro como Minha Avó me rotula com os Dons Que Enxerga Dentro De Mim.

Tê é a Musa que encoraja Minha Inspiração a escrever e declamar Palavras. Ela me ensina quem eu sou e isso me liberta do Medo De Me Mostrar.

Tê me contou que a finada Tia Mi nasceu no mesmo dia que eu. Somos uma dupla virginiana do Primeiro De Setembro. Acho essa data bonita porque gosto de como o 1 e o 9 se completam. Gosto muito de Tia Mi também, “uma mulher do Serviço”. A Vida De Tia Mi foi trabalhar na Casa Da Mãe em desencontro do Dinheiro. Penso-nos parecidas e diferentes. Morar com Tê é um capítulo do Livro De Minha Vida. Zelar Pela Mãe foi toda a Vida que Tia Mi escreveu.

Consertamos as Águas Do Castelo. Habito este Castelo vivo, que acompanha e interage em Minha Vida Com Tê. Dois homens

vêm e nos vasculham os canos. Eles reparam o Vazamento Escondido No Banheiro. Também nos aumentam a Luz em forma de lâmpadas. Estes homens se tornam testemunhas raras e breves das Intimidades Profundas onde faço lar com Minha Abuela.

Peço licença ao Castelo e comunico Minha Partida à Tê. Escolho 10/10/2020 pela expressão numérica que me sugere completude. No 10 de outubro, eu completo seis meses aqui. Seis meses é um ano pela metade, um Outono e um Inverno. O Horizonte anuncia a Separação e a Primavera. “A Vida, minha filha, é feita de várias etapas. Cada etapa é de um jeito e a gente sente todas elas”, diz Tê.

Meu Corpo processa Minhas Escolhas. Cruzo dias saciando-o com açúcar, chocolates,

farinhas, queijos, cigarros e vinhos. Minha Avó me permite estas distrações efêmeras e confortáveis. Minha Partida busca por mim e anseia por Rótulos. Isso me enerva.

Penso e planejo Movimentos Possíveis. Meu Caderno, Minha Mochila e Meu Cuidado se preparam para me acompanhar. Viajar tem isso da Saudade. O Tempo tem isso de passar... Vivo uma Realidade que não existe pra sempre.

Juiz de Fora, 3 de setembro de 2020



*Eu e Tê no único dia em que Minha Rainha
saiu do Castelo desde Abril de 2020*

RESPIRAR SEM MÁSCARAS

Descubro que Tê reza todas as noites para os Ancestrais. Ela lhes roga pelo Eterno Descanso entre o Resplendor da Luz Perpétua. Eu também firmo Meu Rezo à Ancestralidade diariamente. Indago-me se Minha Vida Com Tê é atraída por nossas orações.

Meus Prazos me conectam com Meus Apegos. Faz quase três anos que não fico tanto Tempo em um mesmo Espaço. Hoje, completo

cinco meses e quatro dias com Tê. Ela aconselha que eu não me preocupe com a Hora De Partir. “Eu já sabia desde o começo que não era pra sempre”, diz Minha Véia. “O que você aprendeu comigo, eu digo que também aprendi com você”. Receber a Bença Da Vó é a licença que eu peço aos Mais Velhos para voltar a me mover.

Noto Mudanças. Tê agora tem os cabelos compridos e brancos. Trocamos a Muleta Magrela pelo Andador apelidado de Ônibus. A Horta também mudou: plantei abóboras, tomates, pimentões, rúculas, abacates, melancias e tinturas. Ganhei mudas de coentro, manjeriço, melissa, mirra e guaco. Nem tudo vingou e isso me ensinou muito. A Estação muda conosco. O Terreiro se aquece com o Sol. Os Passarinhos cantam mais alto. O Equinócio nos espera.

Vivo uma relação de Amor e Impaciência em Minha Vida Com Tê. O Amor vem da Beleza Dos Dias e da Amizade Com Minha Vêia. A Impaciência vem do Pulso Da Rotina Pandêmica: é desnatural para mim sair tão pouco do Castelo. Cruzo o Portão não mais de três vezes ao mês, quando atravesso a Rua para nos comprar sementes, grãos e frutas secas. Experimento um Tempo Confuso, rápido e lento — eu me arrasto pela Ilusão Das Semanas Iguais.

Um amigo explica que o Universo é como um Banqueiro que não usa moedas à toa. O Banqueiro planeja as ações para não desperdiçar energias. Aplico este princípio em Minha Vida Com Tê: pois me é visível que invocávamos pelo que estamos a te-
cer juntas. Trocamos Lições que desnomeio

enquanto vivas. Deixo-as libertas, sem Palavras, para que desfrutem da infância. Um dia, essas Lições irão crescer. Minhas Lições, quando adultas, tornam-se Memórias.

Eu e Tê desconhecemos o que o Futuro nos reserva. Sabemos que o Futuro vem do Mistério. A Verdade é que eu nunca sei o que será, mas há estes momentos em que respiro sem máscaras o Descontrole Das Coisas Vivas.

Juiz de Fora, 14 de setembro de 2020



Eu e a Romã no Terreiro que nos guarda

A CAÇA DOS PRAZERES OU A MORTE INEVITÁVEL DE TUDO

Ando em estado de Cansaço Crônico e reparo na Minha Resistência em sentir-me cansada. Aprendi a fugir do Cansaço com visitas rápidas ao Prazer Efêmero. Empreendo esta Caça Dos Pequenos Prazeres Rasos para recompensar-me pelas Tarefas Cumpridas. Quando os Prazeres partem, e eu fico só, com o Cansaço ignorado nas costas, sinto que o Vazio ainda está lá. Eu já estive com o Vazio antes, mas às vezes eu me esqueço

de como acatá-lo.

O Prazer foi uma das coisas que eu pesquisei nas andanças pelos sertões. Quando cheguei na Manseria Quente da Roça e da Caatinga, percebi que eu desconhecia os lugares em que as pessoas se encontravam com o Prazer. Eu perguntava às Mulheres quando é que elas se emprazeitavam. E andava dentro de mim para descobrir como emprazeitar-me também. É engraçado como eu confundo Prazer com Felicidade. É curioso como pareço viciada em acessá-lo.

Percebo que alguns Prazeres Que A Vida Me Ensinou deixaram de me satisfazer como antes. Hoje, eles me despertam Cobrança pela Insatisfação e Culpa pelo Abalo Do Equilíbrio De Meus Corpos. Pesquiso por Prazeres mais perenes e reais. Olho para

a relação entre Meu Corpo Físico e Minha
Mente. Tateio o fio que une Meus Pensa-
mentos à Minha Nutrição.

“Quando se chega na minha idade, a
gente percebe que o Tempo passa mesmo
por nós”, diz Tê. Duas grandes amigas de
Minha Avó fizeram a Passagem desde que
mergulhamos juntas. Elas não são as únicas
que partiram. Escuto notícias sobre Vidas
Que Se Vão e penso sobre a Morte Inevitável
De Tudo. Talvez a Romã Do Terreiro não se
cure das moscas que a sabotam e eu esteja a
testemunhar seus últimos frutos. Talvez eu
também testemunhe a Morte de Configura-
ções Interiores que, em breve, explodirão de
mim.

Faltam duas semanas para eu partir da
Casa De Tê e isso me mexe inteira, mesmo

muito e demais. Minha Vida Com Tê, neste formato tão intenso e quarentenado, está prestes a morrer. Indago-me sobre o quê mais morrerá conosco.

Juiz de Fora, 28 de setembro de 2020



Tê e eu no nosso último domingo juntas: reparo que vestimos preto, como que antecipando o luto que a Separação inspira

O CASTELO QUE ME PARIU

“A gente, quando tá em conexão com alguma pessoa, pensa junto. E pra estar em conexão não precisa estar de frente uma pra outra. Pode estar de longe”, diz Tê.

À Noite, eu admiro o Sistema Que Sou em Minha Vida Com Tê. Reflito que ordenar o Castelo De Minha Abuela-Rainha é como que zelar pela Síntese De Todos Os Meus Ancestrais encarnada em Tê.

Em Estado De Contemplação, deixo Meu Amor entregue ao Terreiro, para que ele o entregue à Terra, para que a Terra o entregue a nós.

Analiso que muitos Acontecimentos Do Terreiro são iguais aos Acontecimentos Meus. E isso não me é à toa: Minha Natureza De Dentro é muito parecida com a Natureza De Fora porque a Natureza é a mesma em qualquer lugar.

O Varal pendura nossas calcinhas de algodão e indica que este espaço é habitado por Mulheres. Os modelos das calcinhas sugerem diferenças entre Nossos Corpos. Por seis meses, Minha Vida Com Tê se transformou no Meu Propósito. Minha Saída me desperta Medos Previsíveis. E agora, Maria?

A Quarentena me entregou Tempo para cuidar de uma casa, para estar com Minha Avó e para me encontrar com Novos Desafios. Meu Desamor-Próprio se revela com a Expansão De Minhas Consciências. Chamo isso de Cura. A Cura se completa quando eu pratico esses Novos Entendimentos. A Cura está na Ação.

Penso que 2020 é um desafio: fogo nas matas, abuso nos governos, doença nas gentes que adoecem o arredor. Contraponho que 2020 é uma diferença: qualifica-se o debate dos racismos em minhas bolhas, mulheres admiráveis candidatam-se a cargos políticos, pessoas contam das descobertas que fazem dentro de si.

Meus Ancestrais me presenteiam com Palavras, Memórias e Entendimentos. Vivo

Meu Parto: o Castelo se abre para me parir de volta a Algo Que Não Sei O Que É. Não me parece um Retorno, mas uma uma Nova Partida.

Sei que o Castelo não precisa de mim para salvá-lo. Outras Mulheres cumprirão o que tem sido Meu Serviço. E eu não preciso ladear o Corpo De Minha Rainha para servi-la. Saio tranquila pela Impecabilidade De Meus Trabalhos. Abro o Portão de mãos dadas com Minha História.

Juiz de Fora, 12 de outubro de 2020

Minha vida com Tê: estudos genealógicos é publicado com o apoio de:

Adriana Barboza, Adriana Lúcia Domingues Toledo, Adriana Maria Vieira de Rezende, Alan Osmo, Alexandre Coimbra Amorim, Aline Brügger, Aline Lage, Ana Beatriz Ribeiro Medeiros da Fonseca, Ana Carolina Guimarães, Ana Flavia Mageste Pimentel, Ana Paula Cabral, Antonio Carlos de Freitas, Arilene Cardoso, Bárbara Bitarello, Babi Nitto e Rick Viana, Beatriz Helena Domingues, Beatriz Pauferro, Benedita do Rosário

Alves Rezende, Beth Matheus e Flavio Bitarello, Bertoldo Klinger Pagy Corrêa, Brenda Amaral, Bruno Stephan, Carlos Roberto Domingues, Carol Bataier, Catarina Moura, Christina Musse, Clara Domingues Botelho, Clara Garavello, Clara Pereira, Clara Trevia, Clarice Imbuzeiro, Cleber Garcia Weissheimer, Cláudia Thomé, Cristina e Arlindo Stephan, Célia Maria Rezende Pacheco, Daniel Alves, Davi Marques de Farias, Débora Rocha, Dorian Ricardo Domingues, Dulce Ribeiro, Eleny Guimarães-Teixeira, Elvira Isabel Cruz e Edson Alves Rezende, Erica Escobar Sakaya, Érica Ísidi Soares Rigobello, Erik Dana, Eugenio Rezende, Fabiana Salgado Cid, Fabiana Sotto-Maior Costa Lira, Fábio Roland, Felipe Alves, Felipe Pereira, Fernanda Azevedo Mendes, Fernanda Lenz, Fernanda Rezende Lacerda, Francisco Mariquito, Francisco Chagas da Silva Neto, Francisco Paoliello Pimenta, Gabriel Zambon,

Gisele Leske, Helena Gonçalves Brum, Iara Bastos Campos, Icaro Abreu, Indra d'Avila e Rodrigo de Freitas, Isadora Vida, Joanna Fernanda Ramos, Joanna Ferreira Cury, Jordana Alves, José Henrique, José Libainio Sucasas Júnior, João Gabriel Marques, João Mateus Cunha, Julia Lopes, Júlia Thomé, Juliana Salgado, Laura Brandão, Laura Carneiro, Laura Domingues Botelho, Lesciane Rafik, Letícia Coura, Letícia de Paula Ervilha, Liss Gonçalves, Lorena Portela, Lucia Pimenta, Luciana Tasse, Luis Osete, Luiz Guilherme Gasparete, Luiza Coelho Miguel Gehara, Marcela Silva Castro, Marco Polo Germano, Maria Aparecida Gomes, Maria Aparecida Rezende Lacerda, Maria Barra Costa, Maria Cecília de Paula Silva, Maria das Graças Alves de Rezende Ballalai, Maria Inês Gazzinelli de Lima, Maria Regina de Almeida Teixeira, Maria Ribeiro de Oliveira Botti, Maria Tereza Cardoso Victal, Mariana Pereira,

Marília Veiga de Oliveira, Mauro Cruz, Mônica Gomes Cardoso, Nash Laila, Nathália Neves, Natália Cancela Moreira Leite, Paola Domingues Botelho Reis de Nazareth, Paulo Afonso Avezani, Paulo Bittar, Potiguara Mendes da Silveira Jr., Priscila Borges, Priscila Garcia, Raiane Viana, Raquel Lyrio, Renato Coelho, Roberta Hargreaves, Rodrigo Garcia, Rodrigo Teixeira Barbosa, Rodrigo Teixeira Lopes, Rubens da Cruz, Ruth Hargreaves, Sabrina Chinellato, Samanta Fonseca, Saulo Padilha, Sérgio Campelo Trevia, Sheila Lyrio, Silvio Henrique Pagy Correa, Sonia Gondim, Sérgio Matta, Tainá Voltas, Tamara de Souza Andrade, Teresa Gibbon, Teresa Raquel Ferreira, Tomás Balbino, Ulisses Belleigoli, Vanderlei Leite, Vera Lucia Barbosa Villas Boas, Vera Lúcia Lopes Furtado, Werter Moraes, Yago de Bem e todas as pessoas que contribuíram para o sucesso da campanha *Dois Escritos para voltar ao Sertão*.

Este livro foi composto em Garamond Premier
Pro e impresso em papel Pólen Soft 80g na
Gráfica Juizforana em dezembro de 2020.